

"Perhaps, after all, America never has been discovered. I myself would say that it had merely been detected."

Oscar Wilde

O tema que me proponho tratar neste ensaio integra-se num estudo mais amplo sobre os Jesuítas no Novo Mundo. É um tópico vasto e ambicioso que está relacionado com alguns dos problemas debatidos e investigados em Estudos Americanos nos nossos dias. Tendo em conta a vastidão do tema, irei apenas mencionar muito brevemente alguns dos seus aspectos mais importantes, tais como:

- "A invenção da América" e o impacto do Novo Mundo na Europa e do mito americano no desenvolvimento intelectual do Velho Mundo;
- as tão debatidas questões da tolerância religiosa e da escravatura;
- o encontro com o "Outro" e a evolução da noção de alteridade resultante de uma relação ambivalente constituída por receptividade e resistência. A transformação de "Men of strange appearance" em "Those poor blind infidels";
- as diferenças e as analogias nas atitudes dos colonizadores das regiões norte e sul do continente;
- a visão eurocêntrica da História que leva a que se refiram os motivos, métodos e realizações dos países colonizadores, esquecendo – ou pelo menos omitindo – a importância cultural da América na mundividência europeia desde o período colonial.

Há, em todo este campo, ainda outros aspectos que merecem ser aprofundados, tais como a interpretação providencial da História e a relação entre a Igreja e o Império que levou a que o



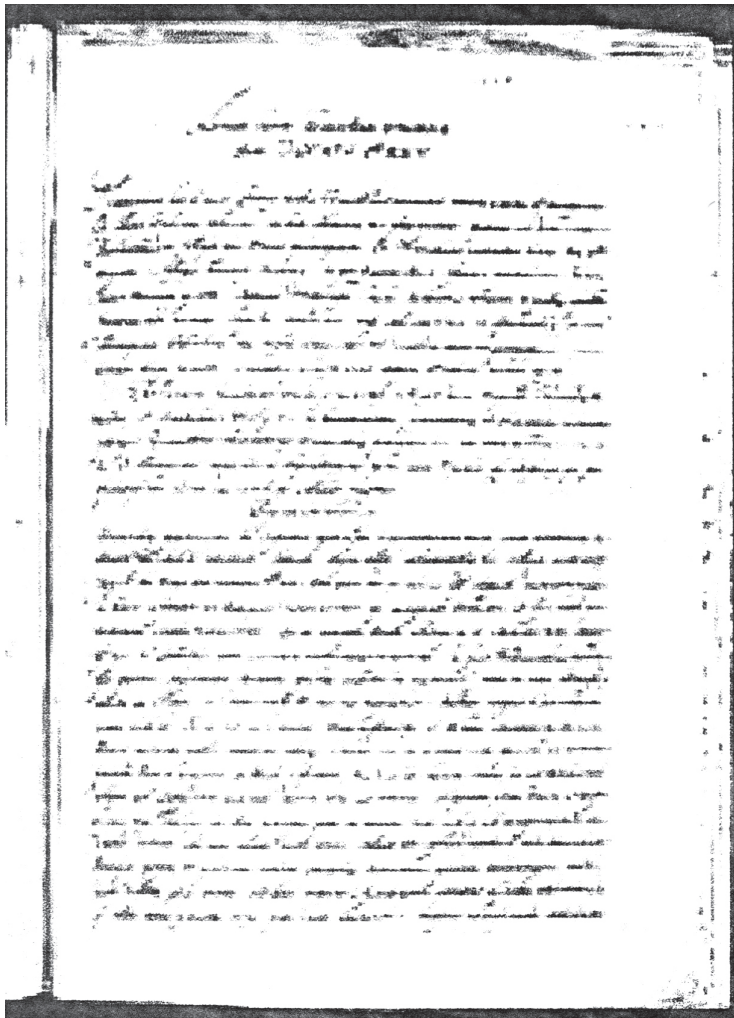
P. Andreas Vitus, S.J. Angli, in Anglia et Marilau-  
dia Americæ Provincia, Apostolicis laboribus clarus.  
Obijt in Anglia propè octogenarius, A<sup>o</sup> 1655.

**Batismo do rei Chilomacon pelo P.º Andrew White.**

Novo Mundo fosse visto como testemunho da Igreja triunfante ou, devido às características dos pagãos, como prova da aproximação do "fim do mundo". Decidi, no entanto, restringir o foco da minha investigação apenas aos Católicos no Novo Mundo, focando inicialmente as missões dos Jesuítas nas Américas. Neste âmbito – embora o meu interesse se centre primordialmente nas questões relacionadas com a América do Norte – selecionei, tal como indiquei no título, dois casos paradigmáticos, um inglês e outro português, que ocorreram no século XVII: o *Father Andrew White*, na missão de Maryland nos Estados Unidos e o nosso P.º António Vieira, na missão de Maranhão, no Brasil. Irei, contudo, referir-me sobretudo ao menos conhecido dos dois, contando com o conhecimento geral sobre o P.º António Vieira.

As fronteiras da investigação nesta área foram alargadas devido, entre outros motivos, à utilização de novas técnicas surgidas após a II Guerra Mundial, tais como o tratamento electrónico dos inventários, os métodos quantitativos e da "histoire totale". Estes avanços científicos têm demonstrado como as noções herdadas sobre si próprios e sobre o 'Outro' condicionaram as atitudes europeias para com os povos encontrados nas Américas. Trata-se de um assunto controverso para o qual o problema epistemológico é fundamental, implicando uma análise cuidadosa dos termos do debate intelectual que lhe está implícito. A grande voga que, nos nossos dias, os Estudos Étnicos e os chamados "Early American Studies" têm nos Estados Unidos, suscitou um interesse renovado por muitos aspectos da cultura colonial e pela investigação das raízes da cultura americana recente.

O "Outro" da América foi institucionalizado por diversos meios a fim de que a sua alteridade se transformasse em algo de familiar e proveitoso. Por toda a Europa começaram a surgir perguntas sobre a origem desse "Outro" americano e sobre os motivos que teriam levado Deus a mantê-lo escondido. Seriam



P.<sup>o</sup> António Vieira, *Annuae Brasiliae Provinciae, Anno DCXXIV et XXV, 1626.*

os Índios descendentes dos habitantes da Atlântida perdida, dos antigos Egípcios, dos Cananeus que fugiram de Joshua ou o que restava das dez tribos perdidas de Israel? Tanto na arte como na literatura, inicia-se um movimento de promoção e romantização do Novo Mundo, que é identificado com a Arcádia e o Paraíso perdido.

Um dos melhores meios para se tentar compreender o impacto e a importância do encontro entre os europeus e os naturais do Novo Mundo são, sem dúvida, os relatos impressos, manuscritos e pictóricos. Felizmente para o prosseguimento do estudo da história cultural quase todas as expedições tiveram os seus dedicados cronistas e, em alguns casos, até desenhadores. Os relatos permitem avaliar não só o impacto do Novo Mundo na Europa (e a alegada superioridade e eficácia do modo de vida europeu quando postas à prova nas novas terras e nos novos horizontes do continente americano) mas também os actualmente tão discutidos efeitos e consequências desse encontro para as culturas ameríndias.

À medida que o gosto europeu foi evoluindo e que a concepção do Novo Mundo recém-descoberto foi mudando, a imagem simbólica da América foi sendo alterada. Começou por ser a de uma jovem e bela mulher. Seguiu-se-lhe a imagem do jardim do mundo, o paraíso ideal da simplicidade, da inocência e da harmonia com a Natureza, correspondendo ao mito cristão do Milénio, que fez parte da escatologia do descobrimento e da conquista das Américas.

O reino do Milénio, de que tanto viria a falar o P.<sup>e</sup> António Vieira que afirmava que tudo estava revelado de modo implícito na Bíblia e que Isaías tinha mesmo profetizado a viagem das caravelas portuguesas (Isaías 18.1-2), era uma fusão de nacionalismo e de universalismo que interpretava o descobrimento do Novo Mundo e os acontecimentos relacionados com a exploração geográfica como a realização de profecias bíblicas. Estava também relacionado com a visão messiânica do mundo

e com a esperança de poder vir a converter todas as raças ao Cristianismo. A Fé começava assim a misturar-se com a realidade nas ideias europeias sobre o Novo Mundo.

Entre as obras que tinham como objectivo apresentar na Europa uma imagem pictórica do Novo Mundo, destaca-se *The Great Voyages* de Theodore De Bry que realizou uma verdadeira épica da conquista protestante e demonstra um forte preconceito contra os Católicos. A percepção europeia do mundo ameríndio e da sua conquista é feita à luz do mito judaico-cristão da queda com que se inicia a equiparação entre o Índio e o Tentador no paraíso, onde ambos são figuras anómalas.

Esta visão opõe-se à existente no início, quando a América correspondia à nação de sonho de que a Europa necessitava e se identificava com os mitos provenientes de lendas folclóricas, como as de El Dorado, das Sete Cidades de Cibola e da Fonte da Juventude, e as da época clássica, como a das Ilhas Afortunadas. Surgiu também uma fervorosa expectativa de palin-genesia milenarista que era alimentada por literatura profética e pelo resultado da pregação inspirada de Gioachino da Fiore.

No âmbito dos textos religiosos católicos, existem múltiplos de extrema importância destacando-se entre eles:

- as Bulas Papais (as *Inter Caetera* do Papa Alexandre VI, 3 e 4 de Maio de 1493, que tratam especificamente dos Descobrimentos e a *Sublimis Deus*, de Paulo III, de 1537, que afirma que os Índios eram homens e, portanto, criaturas de Deus e susceptíveis de receber a Fé Católica);
- os Sermões;
- as fontes jesuíticas, (como as *Annuae Litterae* e os *Monumenta Missionum*);
- os documentos oficiais da Cúria Romana sobre o Novo Mundo.

Foi entre os autores deste discurso teológico sobre a América que foram seleccionados os dois que indiquei anteriormente.

Por seu lado, a literatura secular inglesa do tempo justificava a expropriação dos Índios nómadas invocando "moral reasons". Os Ingleses justificavam o uso da força para tomarem as terras dos Índios invocando a "Epístola aos Romanos" (13:2), em que se lê:

Whoever therefore resisteth the power, resisteth the ordinance of God and they that resist shall receive to themselves damnation.

Também se inspiravam na leitura de Salmos, como o 2:8, citando-o em sua defesa:

Ask of me and I shall give thee the heathen for thine inheritance and the uttermost part of the earth for thy possession.

Baseavam-se no Antigo Testamento e na concepção protestante da natureza humana de que tinham uma imagem apocalíptica achando que os Homens eram essencialmente corruptos devido à queda.

Em relação ao choque moral que antagonizava os Europeus e os Índios, há que ter em consideração que, embora para os colonos protestantes, como referi, o Homem tivesse sido corrompido, havia diferentes graus de corrupção. Consequentemente, eles próprios estavam no topo da hierarquia e os Índios no fundo da escala e, sendo canibais, tal como era a opinião generalizada, teriam mesmo a categoria de monstros, facto que também justificava que lhes tirassem as terras.

Entre os Protestantes e os Católicos, havia diferença em relação à interpretação das consequências do pecado original. Para os Católicos, a natureza do Homem permaneceu inalterável e fraca, tendo perdido os dons preternaturais que Deus lhe tinha concedido no Paraíso. Adoptaram, por isso, uma atitude quase paternalista para com os povos não cristãos. Estas últimas observações, levantam o problema da Igreja e do Império e do Novo Mundo visto como testemunho da Igreja triunfante ou considerado como o fim do mundo.



**Cecilius Calvert, 1606-1675. Segundo Barão de Baltimore e fundador da colônia de Maryland.**

Embora hoje em dia possa parecer que os valores religiosos são ignorados ou questionados, não se pode negar que a religião foi um dos factores primordiais na formação cultural dos povos americanos. A Fé Cristã foi trazida para o continente sob várias formas numa época de grande religiosidade, durante a qual, salvo raras excepções, as igrejas cristãs e os Estados europeus formavam alianças estreitas e se apoiavam mutuamente. Pensava-se então que ambos eram guiados pela Providência Divina e que a verdadeira religião era uma dádiva de Deus de Quem dependia a salvação das almas.

O facto de, no século XVII, Maryland – uma das colónias inglesas nos Estados Unidos – ter sido fundada por Católicos, corresponde a uma realização de grande vulto e a um caso único na história do Catolicismo na América do Norte, sobretudo tendo em vista duas ordens de factores: a hostilidade existente em Inglaterra, entre os Anglicanos e os Puritanos, contra aqueles que designavam como "the Romanists" ou "papists" e o facto de tanto os *Pilgrim Fathers* como os Puritanos, que fundaram a colónia de Massachussets Bay em 1630, representarem a ala dissidente do movimento reformista inglês, que era calvinista e se opunha fortemente a influências católicas.

A fundação deste refúgio para Católicos no Novo Mundo ficou a dever-se a George Calvert (1580-1632), um dos Secretários de Estado de James I, que, em 1624, se converteu ao Catolicismo, tendo-se, conseqüentemente, demitido do seu cargo. A partir de então, Calvert dedicou a sua vida a procurar apoiar os Católicos ingleses fora de Inglaterra. Obteve assim de Charles I, além do título de *Lord* Baltimore, um alvará para as terras em redor de Chesapeake Bay, a que chamou Maryland em honra da Virgem. Maryland foi assim a primeira colónia inglesa pertença de um único proprietário. Foi também devido aos Calvert que Maryland teve a honra de possuir um governo sob o qual todos os cristãos tinham direitos iguais, o que acontecia pela primeira vez na história mundial.

*Lord Baltimore* pretendia que a sua colónia fosse economicamente viável e, por isso, não queria dissuadir a vinda de colonos por não serem católicos. Em consequência dessa atitude, muitas das trezentas pessoas que, em 1633, viajaram nos navios *Ark* e *Dove*, em direcção a "The West Part of the World", eram protestantes mas com eles seguiram alguns Jesuítas, como o P.<sup>o</sup> Andrew White. Os colonos, ao chegarem em 1634, compraram terrenos aos Índios Pawtuxent nos quais construíram a primeira capital, St. Mary's, onde os Jesuítas se instalaram numa velha cabana dos Índios. Maryland veio a transformar-se no centro da cultura católica, nas treze colónias, na época da formação dos Estados Unidos.

Desde o início que na colónia havia liberdade religiosa e política e, nas primeiras leis, tal como no *Maryland Charter*, detecta-se já a separação do Estado e da Igreja. Em 1649, foi proclamado um "Act Concerning Religion", que veio a ser conhecido como "Toleration Act". Este importante decreto garantia a tolerância religiosa que já era praticada em Maryland e veio a ser um marco na história da liberdade religiosa e do pluralismo de crenças. Do ponto de vista económico, a colónia desenvolveu-se devido ao predomínio de uma única cultura: o tabaco, factor que implicava a dependência da escravatura negra e o domínio de apenas algumas famílias mais ricas, embora os Jesuítas protestassem contra este estado de coisas.

Em 1650, devido aos acontecimentos na metrópole, Maryland passou a ser governada por um grupo de Puritanos. Com o código penal de 1704, também no "refúgio para Católicos" da América, estes começaram a ser perseguidos.

O P.<sup>o</sup> Andrew White (1579-1656), conhecido como "the apostle of Maryland", tinha sido professor de Teologia Escolástica nos Seminários de Lisboa, Louvain e Liege e é descrito como "possessed of transcendant talent", "restless, zealous priest" e como "the literary patriarch of Maryland". Ao chegar, após sete semanas de viagem, a Chesapeake Bay, na Virginia, "to plant



**Instalação de uma missão.**

Christianity there...", começou o seu trabalho apostólico junto dos Índios viajando de barco nos seus territórios. Em resultado da sua vida na missão, em 1633, escreveu *A Declaration of Lord Baltimore's Plantation in Maryland*, contendo informação sobre a colónia e servindo de anúncio às intenções de *Lord* Baltimore e às condições na colónia. Em 1634, nas margens do rio Potomac, escreveu *Relatio Itineris in Marylandiam*, considerado como "the first descriptive tract of one of the earliest English colonies" em que relata as tempestades e os perigos que passou durante as viagens, descreve a baía e o majestoso rio Potomac dizendo:

Along the Potomac, the exiles found mighty forests stretching as far as the eye could reach; a soil, rich and fertile; – the air balmy...

Descreve igualmente as condições de vida na plantação. Foi ainda autor de uma gramática, de um dicionário e de um catecismo na língua dos nativos, além de uma Relação da Viagem de Inglaterra e de uma pequena história da colónia de Maryland. *Father* White viveu entre os Patuxents, tendo baptizado muitos deles, e entre os chamados Piscataways (Potomacs), que ocupavam os terrenos onde actualmente está a cidade de Washington. Converteu também Protestantes da colónia vizinha de Virgínia. Deslocava-se de barco de comunidade em comunidade praticando sempre as virtudes que pregava. Nas *Cartas Ânuaas*, que enviou regularmente aos seus Superiores, como devia, faz longas descrições da paisagem e do rio Potomac, sobre o qual escreve:

A larger and more beautiful river I have never seen. The Thames compared with it, can scarce be considered a rivulet; no undergrowth chokes the beautiful groves on each of its solid banks, so that you might drive a four-horse chariot among the trees.

No fim da vida, Andrew White foi preso e mantido por muito tempo na cadeia, tendo sido levado para Inglaterra em 1645.

Em 1773, os Jesuítas foram expulsos da colónia após a supressão papal da sua ordem.

Com o objectivo de fazer uma breve comparação, vou apenas referir-me a outro Jesuíta no Novo Mundo, o nosso P.<sup>o</sup> António Vieira. Como é do conhecimento geral, trata-se de um dos grandes pregadores, escritores e missionários do século XVII, que, durante os setenta anos da sua carreira, defendeu a posição de que a nação portuguesa estava destinada a dirigir a Igreja Católica na sua missão de converter os Judeus da Europa e os povos pagãos do Novo Mundo.

Devido às suas ideias anti-esclavagistas foi designado como: "o missionário dos escravos" e "o advogado da causa dos Índios". No Maranhão, ao longo de sete anos de luta, o Jesuíta organizou a defesa da liberdade dos Índios contra os colonos que os escravizavam. Fê-lo através de sermões que ficaram famosos, tais como o Sermão de Santo António (1654), o Sermão da Sexagésima (1655), o da 1.<sup>a</sup> Oitava da Páscoa, o do Espírito Santo e da Epifania. Com uma Carta, que enviou do Maranhão ao Rei D. João IV, em 1654, contendo queixas dos capitães-mores, que criavam obstáculos à doutrinação dos Índios e que, nas lavouras, principalmente de tabaco, exploravam em proveito pessoal o seu trabalho, conseguiu uma Ordem Régia para que os Índios cativos fossem postos em liberdade. Desta atitude resultou o seu desentendimento com os colonos que levou a que fosse denunciado à Inquisição, obrigado a regressar a Portugal onde foi condenado e preso, vindo os Jesuítas a serem expulsos do Maranhão, em 1661.

Seleccionei estes dois casos devido ao facto de, apesar de óbvias diferenças, haver entre ambos também semelhanças de situações. Estas semelhanças estão patentes no espírito de missão, que os levou a arriscarem a vida pela Fé e pela defesa dos Índios, que, curiosamente, nos seus respectivos dialectos, designavam ambos como "Pai". Os dois Jesuítas, nos seus textos, falam da pluralidade de línguas dos indígenas, descrevem, como

disse, viagens de barco, respectivamente, no rio Potomac e rio Tocantins, – referindo com admiração a fauna, que incluía tartarugas, jacarés e aves e a flora, os próprios rios e suas margens, mencionando a limpidez das águas, as cachoeiras e as correntes – em relatos que desenhavam com primor as paisagens férteis do continente americano. Nessas descrições demonstram acreditar na bondade existente na Natureza e no Homem que consideraram marca indelével de Deus na sua criação.

É igualmente digno de menção o facto de, apesar de serem ambos bem sucedidos como missionários, terem sido impedidos de continuar a sua obra pela própria Igreja, cuja doutrina espalhavam, tendo sido perseguidos e julgados por motivos religiosos, vindo a morrer praticamente na obscuridade. Outra coincidência é o facto de, embora tendo ambos sido elogiados e considerados bons conselheiros pelos príncipes e senhores para quem trabalhavam, isto é, D. João IV e *Lord* Baltimore, estes não os terem podido proteger da ira dos colonos, tanto portugueses como ingleses, exacerbada pelas suas atitudes de crítica contra a escravatura dos Índios, sendo ambos, por isso, obrigados a abandonar as Américas.

As diferenças existentes entre os dois Jesuítas situam-se, sobretudo, ao nível da reputação e têm a ver com o grau de envolvimento político na vida pública e na já referida qualidade literária dos textos por eles produzidos. O estilo da escrita, apesar de ser igualmente barroco, é bem mais simples em White, se bem que dentro do formato das *Meditações* jesuíticas, dos *Exercícios Espirituais* e das pregações convencionais emanadas dos púlpitos jesuíticos.

Embora haja aspectos da actividade dos Jesuítas na América que ainda não foram investigados, é inegável que estes missionários se contam entre os pioneiros da civilização e da Fé no continente americano e que alguns deles, como os que seleccionei, foram os primeiros homens brancos que os Índios viram.

Feitas estas breves referências, apesar de terem vivido em zonas distintas do continente americano, creio que um estudo comparativo (a que não posso dedicar-me aqui) entre o modesto F. White e o brilhante P.º António Vieira, que mereceu a Pessoa o epíteto de "imperador da língua portuguesa", poderá contribuir para esclarecer algumas das várias questões que se põem tanto acerca da importância da experiência americana para a espiritualidade jesuítica como também sobre o contributo da religião católica para certas características da cultura americana, sobretudo do sul dos Estados Unidos.

Embora tal facto não seja frequentemente mencionado, a inauguração oficial dos Estados Unidos, simbolizada na famosa cena de George Washington prestando o seu juramento como Presidente, em Abril de 1789, ocorreu em simultâneo com a oficialização da existência de uma comunidade católica dentro das fronteiras do país, representada através da nomeação do primeiro bispo católico, John Carroll, em Novembro do mesmo ano. A este propósito, Carroll, que foi o fundador da Universidade de Georgetown, comentava:

... in these our United States our religious system has undergone a revolution, if possible, more extraordinary than our political one.

Tratava-se, com efeito, de uma extraordinária revolução pois, apesar da existência desde a formação do país de um forte sentimento anti-católico, o pequeno grupo inicial de cerca de 35.000 fieis evoluiu e, sobretudo devido às grandes imigrações de países católicos que tiveram lugar no início do século XX, veio a atingir os 50 milhões nos anos 80, tornando-se assim, nos nossos dias, na maior comunidade religiosa nos Estados Unidos.

Termino referindo que são várias as questões que se podem pôr acerca da importância da experiência americana para a espiritualidade católica e jesuítica. Devido às características dos textos dos dois missionários que seleccionei, creio que uma

delas poderia ser a de verificar como essa espiritualidade se alterou nos novos ambientes geográficos e culturais vindo a desenvolver atitudes de crítica social semelhantes às reveladas pelo nosso P.<sup>o</sup> Vieira e pelo modesto F. Andrew White.